

QUEM FOI O PRIMEIRO DESCOBRIDOR DO RIO DA PRATA E DA ARGENTINA?

Em prol da verdade histórica.

ALEXANDRE GASPAR DA NAIÁ

O trabalho que com o título aqui em epígrafe foi publicado num dos números anteriores desta prestimosa *Revista de História* (1) levou-nos a imaginar as objeções que contra êle se poderiam erguer por parte dos que sempre teimam em recompor a teia quebradiça de certas lendas históricas. Dessas objeções não vimos senão três que valha a pena considerar e, por isso, serão elas as que nos propomos expor e rebater na seqüência dêste pequeno intróito explicativo.

A primeira é como segue:

A). — Não terá sido na foz do *Rio Uruguay* que João Dias de Solis pereceu às mãos dos aborígenes, mas sim na foz do *Paraná*. A êste rio terão, portanto, os espanhóis denominado de *Solis*, se não é mais certo terem dado êste nome ao Rio da Prata desde o princípio.

Para impugnar esta objeção, melhor será ver primeiro o que, sôbre a matéria em causa, nos diz o cronista Antônio de Herrera na sua *Historia General de los Hechos de los Castellanos en las Islas y Tierra-firme del Mar Océano*. Embora tardio em relação aos acontecimentos aqui discutidos, Herrera é a fonte mais fidedigna a que se pode recorrer, dizendo D. Antônio de Ballesteros y Beretta que “en lo relativo a Solis debió tener present una relación, particular, pues ni Las Casas, ni Pedro Mártir, ni Oviedo dan una referencia tan extensa” (2). Martin Fernandez de Navarrete, de resto, repete a narrativa de Herrera e só difere dela na parte em que corrige para três o número de navios da expedição e em que situa “junto a la isla que llamaron

(1). — O número a que nos referimos é o 41, de janeiro-março de 1961. No subtítulo do nosso trabalho — que é: *Interpretação e correlação de fatos e documentos* — saiu trocada a palavra *correlação* por *correção*.

(2). — Herrera, *ob. cit.*, edição da “Academia de la Historia” de Madri, com prólogo e notas de Antônio de Ballesteros y Beretta. Vide Tomo IV, Madri, 1936, Década 2a., liv. I, cap. VII, pág. 41, nota 6.

de Martín García” o local onde “mataron a Solís, al factor Marquina, al contador Alarcon y a otras seis personas” (3). Passamos, pois, a transcrever de Herrera os tópicos informativos que nos interessam:

“Pasaron el Cabo de las Corrientes y fueron a surgir en una tierra en 29 grados (de latitud Sul) y corrieron dando vista a la isla de San Sebastián de Cádiz, a donde están otras tres islas que dijeron de los Lobos, y dentro el Puerto de Nuestra Señora de la Candelaria que hallaron en 35 grados, y aquí tomaron posesión por la Corona de Castilla. Fueron a surgir al Río de los Patos en 34 grados y un tercio, *entraron luego en un agua que por ser tan espaciosa, y no salada, llamaron Mar Dulce*, que pareció después ser el río que hoy llaman de la Plata y entonces dijeron de Solís. De aquí fué el Capitán con un navío que era una carabela latina reconociendo la entrada *por la una costa de el río*, surgió en la fuerza de él cabe una isla mediana en treinta y cuatro grados y dos tercios.

“Siempre que fueron costeano la tierra hasta ponerse en el altura sobredicha descubrían, algunas veces, montañas y otras grandes ríos viendo gente en las riberas, y en esta del río de la Plata descubrían muchas casas de indios y gente que con mucha atención estaba mirando pasar el navío y con señas ofrecían lo que tenían poniendo en el suelo. Juan Díaz de Solís quiso en todo caso ver qué gente era ésta y tomar algún hombre para traer a Castilla. Salió a tierra con los que podían caber en la barca; los indios que tenían embocados muchos flecheros, cuando vieron a los castellanos, algo desviados de la Mar, dieron en ellos y rodeándolos los mataron sin que aprovechase el socorro de la artillería de la carabela, y tomando a cuestras los muertos y apartándolos de la ribera hasta donde los del navío los podían ver, cortando las cabezas, brazos, y pies asaban los cuerpos enteros y se los comían” (4).

Verifica-se por êste texto de Herrera que, ao costear em a margem norte do Rio da Prata, Solís e os seus homens notaram ser doce a água que os rodeava, mas dos litorais platinos só viram aquêles que percorreram. Assim nenhum nome lhes terá parecido mais expressivo e adequado para água “tan espaciosa y no salada” que o de “*Mar Dulce*”, e tal foi, portanto, o que êles lhe chamaram.

O caso para Solís e seus acompanhantes era a repetição do que se deparara aos navegadores espanhóis que primeiro exploraram o trecho de costa compreendido entre o Oyapoc e o Golfo de Pária. Ali também se denominara de *Mar Dulce* a área marítima dulcificada pelas águas do Orinoco, e o mesmo se passou depois com a larga zona para onde vasam e por onde se espalham as águas do Amazonas

(3). — Navarrete, *Colección de los Viajes y Descubrimientos*, edição de Buenos Aires, 1945, Tomo III, pág. 66.

(4). — Herrera, *ob. e tomo cit.* págs. 39-40.

nas épocas de cheia. Essa denominação, nas paragens a que foi aplicada, não envolve outro significado que não seja o de vasta área marítima dulcificada pela água de um ou mais rios de gigantesco caudal. Solis e aquêles dos seus homens que regressaram a Espanha nunca perceberam que estavam dentro dum estuário ao costear a margem norte do Rio da Prata. Esperavam, sim, encontrar o rio ou rios cujas águas dulcificavam as do seu *Mar Dulce*, e Solis seguindo avante num dos seus navios não tardou em chegar à região em que desaguam o *Uruguay* e o *Paraná*. Há, porém, que atender à seguinte consideração: o *rio de Solis* é só um e êsse só pode identificar-se com o *Uruguay*, porque êste é dos dois antes citados o primeiro que se depara a quem segue a margem norte do estuário platino navegando de nascente para poente. Consideremos também que, se Solis tivesse passado adiante do *Uruguay*, algum nome haveria dado a êste rio, como, de resto, já fizera anteriormente, quando encontrou o “Rio de los Patos”. E consideremos ainda que os seus companheiros regressados a Espanha não deixariam de mencionar o *Uruguay* com o nome que lhe teria dado o chefe da expedição se houvesse sido o *Paraná* o rio a que êles próprios chamaram de *Solis*.

O cronista Antônio de Herrera, imbuído da idéia corrente de que o nome de *Solis* fôra dado ao *Prata* desde todo o princípio, contradiz-se a si mesmo dizendo que o “*Mar Dulce*” era o rio que “*entonces dijeron de Solis*”, e em êrro idêntico têm incorrido todos os historiadores das primeiras viagens ao estuário platino. No entanto, o nome de *Solis* só passou a designar verdadeiramente o Rio da Prata depois de Fernão de Magalhaes ter verificado que o tal *Mar Dulce* era apenas um amplíssimo desaguadouro fluvial somente aberto para Leste, e ao qual, aliás, por se julgar o primeiro a dar-se conta do fato, crismou de *S. Cristóbal* ou de *Jordan*.

Concludente é o *Diário de Navegação do piloto Francisco Albo* na parte em que descreve a passagem da frota de Magalhães pelo Rio da Prata. Ali se lê:

“Martes 10 del dicho (janeiro de 1520) tomé el sol en 75 grados, tenia de declinacion 20 grados, vino á ser nuestra altura 35 grados, y estábamos en derecho del Cabo de Santa María: de allí adelante corre la costa leste oeste, y la tierra es arenosa, y en derecho del cabo hay una montaña hecha como un sombrero, al cual le pusimos nombre Monte Vidi, corrutamente llaman ahora Santo Vidio (Montevideu) y en medio dél y del cabo Santa María hay un rio que se llama rio de los Patos, y por allí adelante fuimos todavía por agua dulce, y la costa corre les-sueste oesnoroeste 10 leguas de camino; despues corre nordeste sudueste hasta 34 grados y un tercio en fondo de 5 y 4 y 3 brazas, y allí surgimos y *enviamos al navio*

Santiago de longo de costa por ver si habia pasage, y hallaron unas isletas, y la boca de un rio muy grande, era el rio de Solís, é iba al norte, y el rio está 33 grados y medio al noroeste, y asi tomaron la vuelta de las naos, y el dicho navío Santiago estuvo lejos de nosotros obra de 25 leguas, y estuvieron en venir quince dias, y en este tiempo íbamos otras dos naos á la parte del sur á ver si habia pasage para pasar, y ellas fueron en espacio de dos dias, y allí fué el capitán general (Fernão de Magalhães), y hallaron tierra al susudueste lejos de nosotros veinte leguas, y estuvieron en venir quatro dias, y en viniendo tomamos agua y leña, y fuímonos de allí voltando de un bordo y otro con vientos contrarios hasta que venimos en vista de Monte Vidi, y esto fué á 2 dias del mes de Febrero, dia de nuestra Señora de la Candelaria, y á la noche surgimos á 5 leguas del monte, y nos quedaba al sueste cuarta del leste, y despues á la mañana á 3 del dicho nos hicimos á la vela la vuelta del sur, y sondamos y hallamos 4 brazas, y 5 y 6 y 7 creciendo todavía, y este dia tomamos el sol en 68 grados y 30 minutos, y tenia de declinacion 13 grados 35 minutos, y vino á ser nuestra altura 35 grados” (5).

Assim se prova que o nome de *Solis* fôra até então aplicado ao *Uruguay*, porque, diferentemente de qualquer dos canais por onde desagua o caudaloso Paraná, o *Uruguay* mostra-se a quem chega à sua foz como um rio de bem ampla largura, alongando-se para o norte, sem flexões nem estreitamentos, por distância que a vista não alcança. Não há, portanto que tergiversar: “*el rio de Solis*” era o *Uruguay*.

*

Enunciada e rebatida uma das objeções a que aludimos, passemos a outra:

B). — Se é verdadeiro o fato de Fernão de Magalhães haver iniciado a sua viagem para as Molucas sem ter conhecimento da

(5). — Navarrete, *ob. cit.*, tomo IV, págs. 193-194. A parte sublinhada no trecho que reproduzimos do *Diário de Navegação do piloto Francisco Albo* não condiz exatamente com o que se lê na transcrição de Navarrete. A nossa versão torna mais lúcida e compreensiva a parte referida, a qual, em Navarrete, deve estar afetada de erros de cópia ou de composição tipográfica, pois all tem ela a seguinte redação: “*enviamos al navío Santiago de longo de costa por ver si habia pasage, y el rio está 33 grados y medio al nordeste, y allí hallaron unas isletas, y la boca de un rio muy grande, era el rio de Solís, é iba al norte*”. É evidente que neste período está deslocada a frase em que Albo atribui ao rio a latitude de “33 grados y medio” e a direção de “nordeste”, por isso que ela, como complemento informativo, define por si própria a ulterioridade do lugar que lhe pertence em relação às que mencionam o achamento e o nome do rio. Óbvio é também que a direção de *nordeste*, indicada como sendo aquela a que o mesmo rio se situava em relação ao navio de Albo, se deve trocar por *noroeste*, porque para *noroeste*, ao longo da costa, é que o navio Santiago foi mandado.

existência do Rio da Prata e do território estendido para o sul desse rio, não é menos verdade figurarem o mesmo rio e o referido território no planisférico de Lopo Homem de 1519. Como conciliar êstes dois fatos?

Para corroborar o primeiro temos, além de tudo o mais, êste simples mas inabalável argumento: ao seguir com a sua frota do Rio da Prata para o sul, Magalhães, que não sabia em que altura encontraria uma passagem para oeste, resolveu passar o inverno no pôrto a que pôs o nome de São Julião, em 49 graus e 18 minutos de latitude austral. Ali permaneceu de 31 de março a 24 de agosto de 1520, um bem longo espaço de tempo perdido, em que além de arrostar a revolta dos capitães e de parte das equipagens de três dos navios, viu desfalcadas as provisões destinadas ao sustento das tripulações e diminuída, pela ação constante e nefasta de ventos, chuvas, neves e humidades, a normal duração de enxarcias, pano e cordoame. Ora o costeamento do litoral patagônico em pleno inverno e o estacionamento forçado de cêrca de cinco meses em paragem tão inóspita teriam naturalmente sido evitados por Magalhães se êle houvesse podido prever que teria de procurar a passagem para oeste em latitude muito mais elevada que a do Cabo de Santa Maria. A verdade, porém, é que êle estava persuadido de que êste cabo constituía o término austral do Brasil e do continente sul-americano, pois, de contrário, teria largado de Espanha em oportunidade que lhe propiciasse a exploração da costa argentina ao começar alí a época de verão.

Quanto ao fato do Rio da Prata e do litoral argentino figurarem no planisférico de Lopo Homem de 1519, não nos coibimos de afirmar que desse documento cartográfico nada souberam Magalhães e os outros portugueses que o acompanharam na viagem. Aliás, um documento como êsse, em que os continentes americano e asiático aparecem ligados por grande massa territorial que circunda pelo sul o Atlântico e o Índico, contrariava formalmente a viagem às Molucas pela rota que Magalhães se propôs seguir.

Na opinião do professor italiano Giuseppe Caraci, êsse planisférico de Lopo Homem constitui "una grossolana falsificazione moderna" (6), o que outros cartólogos não menos eminentes contestam (7). Nós, porém, cûrioso impenitente de tais questões, julgamos que a concepção geográfica alí reflectida — imagem, embora, da que Duarte Pacheco Pereira enunciara em 1505 no seu *Esmeraldo*

(6). — Vide Armando Cortesão, *Cartografia e cartógrafos portugueses dos séculos XV e XVI*, Lisboa, 1935, vol. I, pág. 343.

(7). — *Id.*, *ibidem*, págs. 342 a 345.

— constituiu uma mistificação engendrada pelo rei D. Manuel e Lopo Homem para qualquer fim político, pois que, segundo a respectiva legenda de autoria, foi o primeiro que ordenou a feitura do planisfério ao segundo. E dizemos mistificação porque Lopo Homem, “*mestre de nossas cartas de marear*”, como lhe chamava aquêlê rei (8), teria a seu cargo a chefia da oficina de cartografia da “Casa da Índia” e alí era sabido desde 1502, pelo menos, estarem a extremidade oriental do continente asiático e as terras do Nôvo Mundo separadas por um grande espaço oceânico e ignoto. Isto se verifica por um breve exame ao mapa chamado de Cantino, ao qual seria necessário acrescentar uma banda — que lhe falta — de 103 graus no sentido longitudinal para representar o dito espaço. Acresce que Antônio de Abreu já em 1512 havia ido às Molucas e que Jorge Álvares, explorando a costa sul da China em 1515, atingiu o Rio de Taman, onde colocou um padrão (9). Era, portanto, sabido do rei D. Manuel e do seu mestre das cartas de marear que a costa da China não flectia para o sul, como o segundo a figurou no documento em referência.

Quando ordenou a feitura de tal planisfério a Lopo Homem não era a Magalhães nem aos outros portugueses com êle passados para Espanha que o rei D. Manuel pretendia enganar. O cartógrafo português Jorge Reinel trabalhou na *Casa de Contratación* de Sevilha em 1519, quando Magalhães preparava a frota com que havia de ir às Molucas, e o planisfério então alí desenhado pelo mesmo cartógrafo — pertença da Biblioteca do Exército Bávaro, de Munique (10) — é que pode tomar-se como autêntico espécime das cartas de marear que serviram para tal viagem. Isto é, êsse planisfério de Jorge Reinel (11) apresenta tudo o que até 1519 se considerava descoberto por portugueses e espanhóis e, com isso, a imagem do mun-

(8). — Alvará de D. Manuel, de 16 de fevêro de 1517. Confirmado por carta de D. João III, de 4 de agosto de 1524. Torre do Tombo, *Chancelaria de D. João III, Doações*, Liv. 37, fl. 170v. Vide Armando Cortesão, *ibidem*, pág. 324.

(9). — Cfr. Armando Cortesão, *ibidem*, pág. 345, nota 2.

(10). — *Id.*, *ibidem*, pág. 272.

(11). — Embora não datado nem assinado, é hoje ponto assente ter sido o planisfério desenhado por Jorge Reinel quando da sua estada em Sevilha em 1519. A todos os argumentos expendidos pelo Dr. Armando Cortesão em abôno dêste parecer, aduzimos nós o fato de no planisfério em causa e no mapa de Juan de la Cosa, de 1500, serem idénticos os delineamentos do litoral estendido desde o Gôlfo de Pária até à região do Cabo de Orange, êste situado nos dois documentos cartográficos uns cinco graus ao sul da equinocial e indicado no de La Cosa como descoberto em 1500 por Vicente Yañez. A confrontação dos dois mapas mostra que a representação do Brasil no de La Cosa se limita à “*ysla descubierta por Portugal*”.

No fim do vol. II da obra que temos vindo citando do Dr. Armando Cortesão encontra-se uma reprodução fotográfica, abrangendo o tamanho

do tal como Magalhães e os seus acompanhantes portugueses então o concebiam. Embora também descobertas — como o prova o planisfério de Lopo Homem aqui discutido — faltam nele as terras que formam a margem sul do Rio da Prata e a costa atlântica da Argentina, mas isso, obviamente, porque a existência dessa região continental fôra até então silenciada como segrêdo inviolável da corôa portuguesa, segrêdo tão bem guardado que nem Magalhães nem outro nenhum dos portugueses idos para Espanha naquela época puderam sequer pressenti-lo, e muito menos os homens da *Casa de Contratación* de Sevilha, que dessas terras só vieram a ter conhecimento quando o famigerado Estêvão Gomes regressou a Espanha com o navio de que se apossara por traição no estreito por onde Magalhães enfiara a sua frota em busca de saída para oeste.

E' verdade que o planisfério de Lopo Homem de 1519 tem certa relação, ainda que indireta, com a viagem começada por Magalhães no mesmo ano, visto que aquêle documento contraria a viabilidade da rota proposta para tal viagem. Presume-se que foi remetido para França como oferta a personagem de alta hierarquia, talvez o rei Francisco I (12), mas ninguém sabe em que data essa remessa teria sido feita. Por nossa parte julgamos muito provável que isso tenha acontecido dentro dos três anos decorridos após a sua feitura, porque em 1522, com a chegada da nau "Vitória" a Espanha, generalizaram-se os conhecimentos geográficos consequentes da volta ao mundo por êsse navio de Magalhães e a oferta de tal planisfério em ocasião mais tardia tornava-se um pueril contra-senso.

O que em tudo isto se pode discernir é que o rei D. Manuel estava convencido de que não havia passagem para oeste ao sul da Patagônia, pois, de contrário, nunca teria mandado um planisfério

de duas páginas, do planisfério de Jorge Reinel de 1519. Esta informação não se nos afigura despidiêda porque, em geral, só a parte americana do mesmo planisfério tem sido vulgarizada com a designação de *Kunstmänn IV*.

(12). — A. Cortesão, *Cartografia portuguesa antiga*, da "Coleção Henriquina", Lisboa, 1960, pág. 121.

Em artigo de sua autoria publicado na revista da Sociedade de Geografia de Londres, *The Geographical Journal*, número de março de 1931, diz Mr. Edward Heawood: "The map is not of the portulan-map type, but is obviously designed from the first to be bound in a book, i.e. to form part of an atlas. This is apparent not only from its general appearance but most clearly from the way the inscription (data e autoria) is placed". (*Apud* A. Cortesão, *Cartografia e cartógrafos portugueses*, cit., vol. I, pág. 344, nota 4).

Por sua parte diz o Dr. Armando Cortesão (*ibidem*, pág. 344): "A nossa impressão é que o planisfério, anos depois de feito, teria sido aproveitado para abrir um Atlas ou um códice, tendo-lhe o cartógrafo acrescentado a legenda; esta foi desenhada na metade direita do verso do pergaminho, ficando assim na primeira página quando êle fosse dobrado com o verso para fora".

para França com a representação de uma concepção geográfica que a viagem em volta do mundo pela nau “Vitória” mostrava ser falsa. E não se diga que um tal convencimento por parte de D. Manuel é incompatível com os esforços que fez para levar Magalhães a desistir da viagem às Molucas. Para o rei português tornava-se claro que, não podendo aquêlê navegador passar para oeste pelo sul do nôvo Continente, acabaria por tomar a via do Cabo da Boa Esperança.

Magalhães não deveu, pois, o encôntro do estreito conhecido pelo seu nome senão a suas coragem, intuição e porfia. Êle, como o comum dos portugueses e a generalidade dos espanhóis, tomava o Cabo de Santa Maria como sendo o término austral do Brasil e do continente sul-americano. Isso lhe mostravam os mapas que de Portugal teria levado consigo para Espanha, e ainda os que se faziam na Casa de Contratación de Sevilha (13). Isso lhe significavam o *livro de João de Lisboa* e o *Reportório dos tempos* de Valentim Fernandes (14). E porque tudo isso lhe inculcava uma certeza, mencionou êle mesmo aquêlê cabo ao Rei Católico como ponto mais austral do nôvo Continente (15). O seu desengano é coisa posterior e data da ocasião em que, tendo circundado o mesmo cabo e seguido a costa contígua para oeste, acabou por verificar que essa costa era apenas uma das margens de um vasto desaguadouro fluvial. Se êle tivesse a certeza de que encontraria uma passagem na parte do continente estendida para o sul do Rio da Prata, não teria invocado a alternativa de encaminhar a sua frota pela via do Cabo da Boa Esperança em caso de insucesso.

Não aproveita ao rigor da História dizer que o descobrimento do estreito seja devido a qualquer imagem geográfica que Magalhães tenha visto alguma vez. Antônio Pigafetta, na parte da sua relação em que noticia o achamento do estreito, diz que Magalhães tinha visto na tesouraria do rei de Portugal “una carta fatta per quello eccellentissimo uomo Martin de Boemia” e que nessa carta figurava “uno stretto molto ascoso” (16). Pigafetta não diz que ouviu isto da boca de Magalhães e tudo leva a crer que outro lhe tenha soprado tal atoarda como justificação do êxito que coroou a determinação e tenacidade do capitão general. E’ bem evidente que, se antes de encon-

(13). — *Vide* o mapa de Malollo de 1519, que é de inspiração espanhola, e o planisfério de Jorge Reinel a que nos temos referido.

(14). — Do *Reportório dos tempos*, de Valentim Fernandes, os exemplares mais antigos que se conhecem são: um da edição de 1518, da livreria do rei D. Manuel II, incorporada na Biblioteca do Palácio Real de Vila Viçosa; e outro da edição de 1521, pertencente à livreria da casa Palmela.

(15). — *Vide* M. F. Navarrete, *ob. cit.*, tomo IV, pág. 173, nº XIX dos documentos referentes à viagem de Fernão de Magalhães.

(16). — Antônio Pigafetta, *Il primo viaggio intorno al mondo*, a cura di Camillo Manfroni, Milão, 1956, pág. 73.

trar o estreito, Magalhães jamais invocara a carta que teria visto na tesouraria do rei de Portugal — e o argumento seria bom para contrapor às opiniões antagônicas dos capitães que se revoltaram — também não iria falar delas depois do êxito que alcançara, porque, com isso, só degradaria a magnitude do seu mérito pessoal. E a prova de que êle jamais a tal carta aludira anteriormente nô-la dá o próprio Pigafetta quando, descrevendo as características do estreito descoberto, diz que

“se non era el capitano generale non trovavamo questo stretto, perchè tutti pensavamo e dicevamo come era serrato tutto intorno” (17).

Também nada deveu Magalhães ao globo de Schoner de 1515, porque o estreito que nele se vê a separar o continente sul-americano da contra-parte austral denominada *Brasilie Regio* não é mais que uma errônea figuração do “gôlfo” (Rio da Prata) explorado em 1514 por dois navios portugueses armados por D. Nuno Manuel e Cristóvão de Haro, e descrito na *Newen Zeytung auss Pressilg Landt* da seguinte maneira:

“Sabei que aos 12 do mês de outubro de 1514 aqui aportou da Terra do Brasil, por falta de vitualhas, um navio que D. Nuno e Cristóvão de Haro e outros armaram ou aprestaram. São dois os navios com licença do rei de Portugal para descrever ou reconhecer a terra do Brasil. E descreveram a terra mais 600 ou 700 milhas do que antes se sabia. E assim chegaram (à altura do) Cabo da Boa Esperança que é uma ponta ou lugar que avança no mar de Norte a Sul e ainda um grau mais acima ou mais longe. E quando chegaram àquêlê clima ou região, isto é, quarenta graus de altura (latitude Sul) descobriram o Brasil, com um Cabo, isto é, uma ponta ou um lugar que avança no mar. E navegaram em volta ou circum-navegaram êsse mesmo Cabo e acharam que aquêlê gôlfo corre do mesmo modo que a Europa, do lado do poente para levante, isto é, situada entre o Levante ou Este e o Poente ou Oeste. Depois viram terra também do outro lado, quando tinham navegado perto de sessenta milhas em volta do Cabo, do mesmo modo que quem navega para Levante e passa o estreito de Gibraltar, isto é, passa por êle e vê a terra da Berbéria. E quando deram volta ao Cabo, como fica dito, e navegaram para Noroeste, era tão grande aí o temporal e também ventava de tal modo que não puderam navegar mais para diante. Assim foram obrigados a voltar pela Tramontana, isto é, Norte ou Meia Noite, ao outro lado e costa, isto é, à terra do Brasil” (18).

(17). — *Id.*, *ibidem*.

(18). — Apud Hélio A. Cristóvão, *A Nova Gazeta da Terra do Brasil*, in *Revista de História*, nº 36, de outubro-dezembro de 1958, pág. 418.

Embora um pouco confuso, foi com êste arrazoado que Johannes Schoner deu forma à parte austral da “América” representada no seu globo terrestre. Na *Luculentissima quaedam terrae totius descriptio*, publicada em 1515 e destinada a descrever o mesmo globo, Schoner transcreveu várias passagens da *Newen Zeytung auss Pressillg Landt*. Assim nos deu a saber que a extremidade sul da sua “América” é o “Cabo” a que se refere o trecho acima transcrito da *Newen Zeytung*, “Cabo” cujo nome — omisso em tal documento e desconhecido de Schoner — era o *de Santa Maria*, o mesmo que os dois navios armados por D. Nuno Manuel e Cristóvão de Haro encontraram quando atingiram a altura do Cabo da Boa Esperança (19).

O estreito que, no globo de Schoner, separa a “América” da contra-parte austral denominada *Brasilie Regio* é, pois, uma errônea figuração do gôlfo platino baseada no supracitado trecho da *Newen Zeytung*, e esta verdade não é coisa que um qualquer possa sofismar a seu talante. O verdadeiro estreito era então ignorado e o seu descobrimento por Magalhães teve como causa única o fato do nôvo Continente não acabar na margem norte do Rio da Prata, porque só êsse fato obrigou o estóico navegador a costear o litoral que se lhe deparava para o sul do grande rio, num ansioso anêlo de que algures êle se lhe abrisse e lhe poupasse a desairosa e comprometedora alternativa de enveredar a sua frota pela via do Cabo da Boa Esperança.

(19). — A viagem noticiada em a *Newen Zeytung* está hoje plenamente comprovada. Dois documentos a ela se referem: o primeiro, de fins de maio de 1531, encontrado pelo Dr. Jaime Cortesão no Arquivo de Índias, de Sevilha, minuta de instruções diplomáticas do rei português D. João III ao seu embaixador na côrte espanhola Álvaro Mendes de Vasconcelos, foi publicado pelo Dr. Armando Cortesão na sua *Cartografia e Cartógrafos portugueses dos séculos XV e XVI*, vol. I, pág. 248, nota 1, e pelo próprio Dr. Jaime Cortesão, em *Os Descobrimentos Portuguezes*, vol. II, Lisboa, s/d., pág. 120, nota 8; o segundo é uma carta do mesmo embaixador Álvaro Mendes de Vasconcelos para D. João III, datada de Medina del Campo aos 24 de dezembro de 1531, carta, allás, bem conhecida pelas transcrições que dela têm sido publicadas, entre outros, por M. F. Esteves Pereira, em *História da Colonização Portuguesa do Brasil*, vol. II, cap. XII, pág. 385.

Gaspar Correia (*Lendas da Índia*, vol. II, págs. 627 e 628), ao descrever a viagem de Fernão de Magalhães, fala da entrada dêste no Rio de Janeiro e acrescenta: “*E daqui foram navegando até chegarem ao Cabo de Santa Maria, que João de Lisboa descobria no ano de 1514*”.

O cronista espanhol Antônio de Herrera, conta, pelo seu lado (*Historia General de los Hechos de los Castellanos*, tomo V, década II, liv. IX, cap. X), que o piloto de Magalhães, João Lopes de Carvalho, ao serem avistados “*tres cerros que pareciam Islas*”, disse “*que eran el Cabo de Santa Maria, y que lo sabía por relacion de Juan de Lisboa, que habia estado en él*”.

Tudo isto tem sido divulgado, mas como ainda hoje não falta quem dê por duvidosa a viagem noticiada em a *Newen Zeytung*, bom é lembrar os documentos e as crônicas que a comprovam.

Não deixaremos de advertir que as considerações por nós formuladas a respeito do globo de Schoner de 1515 são extensivas aos que o mesmo autor deu à estampa entre 1515 e 1520, que em nada variam do primeiro. E bom será também esclarecer que a “relação de viagem impressa em Augsburgo mais ou menos em 1514” e que, segundo o “Príncipe dos Americanistas”, Henry Harrisse, “contém detalhes referindo-se à exploração do estreito austral”, é muito simplesmente a *Newen Zeytung auss Pressillg Landt* a que nos temos referido. Quer isto dizer que Harrisse, tal como o deus mitológico que tomou a nuvem por Juno, viu o “estreito austral” no que não era senão uma errônea descrição do golfo platino.

Para negar a Magalhães o mérito que lhe adveio como descobridor do estreito conhecido pelo seu nome e até como pioneiro da travessia do Pacífico, invoca um outro americanista — repetindo o seu “Príncipe” — a semelhança que se nota entre a “América” dos globos de Schoner e a imagem real da América do Sul. Sem atender aos fatos a que vimos de nos referir, diz êsse americanista — sempre repetindo o seu “Príncipe” — que “Magalhães consultou um documento gráfico desse gênero e nele se inspirou”. Há nisto, porém, grande falta de discernimento, porque, sendo certo que o continente sul-americano só aparece completo na cartografia depois da viagem daquele navegador, certo é também que nunca antes a semelhança entre a “América” dos globos de Schoner e a vera imagem da América do Sul pudera ser notada por ninguém. Tal semelhança é obra de mero acaso, pois que, à parte do continente onde se situam a Argentina e cêrca de dois têtços do Chile, corresponde nos referidos globos a já citada mancha territorial denominada *Brasilie Regio*, e essa, gritantemente fantástica em concepção e amplitude longitudinal, mostra-nos que o autor de tais globos não tinha a mínima idéia do que fôsse a real configuração da região continental estendida para o sul do Rio da Prata. Ignorava totalmente a verdadeira feição geográfica dessa região como também ignorava a do lado ocidental da sua “América”, no qual, aliás, teve o cuidado de inscrever, como lhe cumpria, a designação de *Terra ult. incognita*.

As razões que levaram Magalhães a percorrer a costa da Argentina em busca de uma passagem para oeste não se explicam com sofisticadas e tendenciosas considerações. A América do Sul representada nas cartas de navegação feitas em Sevilha para êle não era diferente da que nos mostram o planisfério de Jorge Reinol de 1519 e o mapa de Vesconte di Maiollo do mesmo ano. Magalhães estava persuadido de que o oceano circundava o continente sul-americano pela margem norte do Rio da Prata e, por isso mesmo, seguiu essa

margem como parte da rota que o levaria às Molucas. Poder-se-ia supor que êle tivesse sabido da existência de terra ao sul do Cabo de Santa Maria por intermédio de Cristóvão de Haro, o mesmo que, de parceria com D. Nuno Manuel, promoveu e financiou a viagem noticiada pela *Newen Zeytung* e que, tendo-se transferido para Espanha em 1517, participou, como capitalista, no aprovisionamento da sua frota. Mas Cristóvão de Haro também ignorava a existência daquela terra e isso porque os que fizeram a viagem noticiada em a *Newen Zeytung* não eram livres de à mesma terra aludir depois da sua chegada a Lisboa, como se vê pelo procedimento do piloto de Lisboa, que, na lista de ladezas do continente sul-americano insere no seu livro de marinaria, nenhum topônimo registra ao sul do Cabo de Santa Maria. E', de resto, evidente que se Cristóvão de Haro, Magalhães ou qualquer outro em Espanha tivesse conhecimento da parte do continente sul-americano estendida para o sul do Rio da Prata, não deixaria essa parte de figurar no planisfério de Jorge Reinel de 1519, o qual, feito em Sevilha quando Magalhães ali armava a sua frota, constitui autêntico espécime dos que êste navegador levou para viagem. Por se lhes ter deparado essa parte do continente a barrar-lhes a passagem para oeste, é que os capitães subalternos de Magalhães consideravam sacrifício louco, infrutífero e escusado buscar mais ao sul o que não haviam encontrado até à altura do pôrto de São Julião. Por isso forjaram a revolta que tão maus resultados teve para êles.

*

O problema da autenticidade do planisfério de Lopo Homem de 1519 foi durante largo tempo debatido por vários estudiosos da cartografia antiga — entre êles o professor Giuseppe Caraci, que o suscitou —, mas hoje parece não restarem dúvidas a ninguém de que o cartólogo francês Marcel Destombes estava com a verdade quando, em 1937 e em artigo publicado no *Geographical Journal* de Londres, disse que êsse documento era não só autêntico como fizera parte do Atlas chamado Miller, permitindo, por isso, determinar, para êste, autor e data (20).

À mesma conclusão chegaram os historiadores Charles de la Roncière, Duarte Leite, Albert Kammerer, Fontoura da Costa e Jaime Cortesão, os cartólogos Du Bus, Destombes e Deulin, o professor de História da Literatura Portuguêsa, na Sorbona, G. Le Gentil, e o especialista em arqueologia naval Guilleux da Roërie, todos convoca-

(20). — Dr. Jaime Cortesão, *Os Descobrimentos Portuguezes*, vol. II, pág. 134.

dos por iniciativa do diplomata e historiador Albert Kammerer e reunidos nos dias 2 e 3 de junho de 1939, na Secção dos mapas da Biblioteca Nacional de Paris, “para estudar o problema e buscar-lhe uma solução” (21).

Verificadas, por tais autoridades, a antiguidade e autenticidade do referido planisfério e as particularidades que o identificam como peça integrante do Atlas Miller, foi então êste último unânimemente reconhecido como obra executada por Lopo Homem no mesmo ano de 1519 (22).

Tudo isto tem para nós a sua importância. E’ que ao citado Atlas pertence o bellissimo mapa do Brasil em que figura o Rio da Prata e parte do território que se lhe segue para o sul (23). São dois, portanto, os documentos cartográficos de 1519 que nos dão a imagem do gôlfo platino e da confinante região meridional, e que podem fazer pensar na possibilidade de Magalhães ter obtido um esbôço figurativo de tal imagem algo antes de largar de Espanha com a sua expedição. Mas errado andarâ quem assim pensar, porque, se os dois referidos documentos nos mostram que o segredo guardado pela corôa portugûesa sôbre o que havia para o sul do Cabo de Santa Maria foi quebrado em 1519, verdade é também que Magalhães partiu convencido de que o continente sul-americano não ia além da margem norte do Rio da Prata. A sua viagem, de resto, teve começo em 10 de agôsto de 1519, e o Atlas de Lopo Homem — que não foi feito para êle — poderia muito bem ter sido dado como pronto em ocasião mais tardia, posto que a legenda do planisfério indica o ano da sua feitura, mas não o mês e o dia em que foi ultimado. Vertida do latim para portugûês, diz essa legenda:

“Êste é o mapa de todo o mundo conhecido até hoje, o qual eu Lopo Homem, cosmófrago, comparando muitos outros tanto antigos como mais modernos, debuxei com grande aplicação e diligente trabalho na illustre cidade de Lisboa, no ano de nosso senhor de 1519 por ordem de D. Manuel, ínclito Rei de Portugal” (24).

*

(21). — *Id.*, *ibidem*.

(22). — *Id.*, *ibidem*, pág. 135.

(23). — O mapa do Brasil do Atlas Miller foi reproduzido a negro no vol. II da *História da Colonização Portugûesa do Brasil* e no vol. I do *Diário de Viagem de Pero Lopes de Sousa*, do comandante Eugênio de Castro; e a côres no vol. III da *História da Expansão Portugûesa no Mundo* e, últimamente, no vol. II de *Os Descobrimentos Portugûeses*, de J. Cortesão, entre págs. 136 e 137.

(24). — *Apud* Dr. Armando Cortesão, *Cartografia e cartógrafos portugûeses dos séculos XV e XVI*, cit., vol. I, págs. 340-341.

Vejamos agora a última das objecções que motivam o presente trabalho:

C). — O florentino Américo Vespúcio percorreu a costa oriental do continente sul-americano até à região do Estreito de Magalhães com a expedição portuguesa mandada ao Brasil em 1501, porque isso é confirmado pelo historiador espanhol Francisco López de Gómara quando, ao descrever a viagem de Fernão de Magalhães, diz:

“Llegaron, postrero de Marzo a una bahía que está en cuarenta grados (sul), donde invernarón aquellos cinco meses siguientes de abril, mayo, junio, julio y agosto, que, como el sol entonces anda por acá (pelo norte), reina el frío allí, nevando reciamente” (25).

“Viendo la falta, necesidad y peligro, y que duraban mucho las nieves y mal tiempo, rogaron a Magallanes los capitanes de la flota y otros muchos que se volviese a España y no los hiciese morir a todos buscando lo que no había, y que se contentase de haber llegado donde nunca español llegó. Magallanes dijo que le sería muy gran vergüenza tornarse de allí por aquel poco trabajo de hambre y frío, sin ver el estrecho que buscaba o el cabo de aquella tierra, y que presto se pasaría el frío, y la hambre se remediaria con la orden y tasa que andaba, y con mucha pesca y caza que hacer podían; que navegasen algunos días, venida la primavera, hasta subir a sesenta y cinco grados, pues se navegaban Escosia, Noruega y Islandia, y pues había llegado cerca de allí Américo Vespucio, y si no hallasen lo que tanto deseaba, que se volvería” (26).

Tal é, pois, a última das objecções a que nos referimos no diminuto preâmbulo com que iniciamos êste modesto trabalho. Vamos ver o que ela vale perante outras referências de López de Gómara ao florentino Américo Vespúcio. Para o efeito convirá ter presente desde já o seguinte apontamento biográfico:

“Francisco López de Gómara nació en Sevilla en 1510 y murió en la misma ciudad en el año de 1560”.

“Estudió en Alcalá de Henares para ordenarse de sacerdote. Vivió en Roma, en donde mantuvo trato con algunas personas sabias y distinguidas, y a su regreso a España aparece capellán de la casa de Cortés, hacia el año de 1540, coincidiendo con la época de máximo valimiento del conquistador del império de Moctezuma”.

(25). — O pôrto de São Julião, onde Magalhães estacionou cerca de cinco meses, situa-se em 49 graus e 18 minutos de latitude austral. O piloto Francisco Albo (Vide Navarrete, *ob. cit.*, tomo IV, pág. 196) atribuiu-lhe então a latitude de “49 grados y dos tercios”.

(26). — Francisco López de Gómara, *Historia General de las Indias*, edição de Espasa-Calpe, S.A., Madri, 1941, tomo I, cap. XCII, págs. 216, 218-219.

“En 1552, y en la ciudad de Zaragoza, aparece la su *Historia General de las Indias*, dedicada a Carlos I” (27).

Poder-se-á assim verificar que López de Gómara viveu em Roma numa época em que em Itália culminava a fama de Américo Vespúcio como descobridor de grandes extensões costeiras do nôvo continente ocidental. A conhecida epítola vespuciana *Mundus Novus*, em muitas edições repetidas, corria o território italiano de lés a lés como porta-voz de notícias sensacionais, e, a alargar o âmbito das pseudo navegações do florentino, também então alí circulava, editado em livreto, o não menos impressionante relato das suas quatro viagens endereçado ao gonfaloneiro de Florença Piero Soderini.

No espírito de López de Gómara se repercutiu, portanto, a fama de Vespúcio como navegador, e quando o mesmo Gómara escreveu o que a seguir reproduzimos, fazia-se eco do que lera e ouviu em Roma durante o tempo em que lá viveu. Vejamos:

“Cae ocho grados y medio más allá de la Equinocial el cabo de Sant Agustín. Descubriólo Vicente Yáñez Pinzón en enero de 1500 años, con cuatro carabelas que sacó de Palos dos meses antes. Fueron los Pinzones grandísimos descubridores, y fueron muchas veces a descubrir, y éstos navegaron mucho. Américo Vespucio, florentín, que también él se hace descubridor de Indias por Castilla, dice cómo fué al mesmo cabo, y que lo nombró de Sant Agustín, el año de 1, con tres carabelas que dió el rey Manuel de Portugal, para buscar estrecho en aquella costa por donde ir a las Malucas, y que navegó desta hecha hasta se poner en cuarenta grados allende la Equinocial. *Muchos tachan las navegaciones de Américo o Albérico Vespucio, como se puede ver en algunos Tolomeos de León de Francia. Yo creo que navegó mucho*” (28).

Como se vê, êste “creo que navegó mucho” traduz uma simples opinião pessoal e não uma verdade indesmentível. A lenda vespuciana avassalava os espíritos crédulos, desprevenidos ou mal informados e López de Gómara, que por ela se deixara embair, não cuidava de saber se errava ou acertava quando emitia tal opinião. Em nenhum dos relatos da viagem de Magalhães devidos a alguns dos que nela tomaram parte, tais os dos italianos Antônio Pigafetta e Leone Pancaldo e os dos espanhóis Francisco Albo e Ginés de Mafra, se menciona o nome de Vespúcio para nada, e é de ver que se Magalhães tivesse alguma vez aludido a uma passagem anterior do florentino pela costa da Patagônia não deixaria isso de ser anotado ao

(27). — Excerto respigado da nota biográfica inserta como prefácio no tomo I da mesma obra, na edição de Espasa-Calpe.

(28). — *Ob. cit.*, tomo I, cap. LXXXVIII, pág. 206.

menos por Pigafetta, que assim poderia corroborar eficazmente a fama de Vespúcio como primeiro descobridor de tais parágens. Mas a alusão de Magalhães a Vespúcio no diferendo em que se lhe opunham os capitães espanhóis seus subordinados é pura invencionice de López de Gómara, que nisso era useiro e vezeiro. Dentre os historiadores das viagens e conquistas espanholas do primeiro quartel do século XVI, López de Gómara é o que menos confiança merece, e o que dêle se pode aproveitar como verídico é grão disperso num estendal de jôio daninho. Dá-nos, por exemplo, a notícia de uma viagem de João Dias de Solis ao Rio da Prata em 1512 e essa viagem é pura fantasia, como fantasia é também o que expõe como móbil daquela em que o mesmo navegador perdeu a vida. Ouçamos o que êle nos diz a tal respeito:

“Del cabo de Sant Augustín, que cae a ocho grados, ponen setecientas leguas de costa hasta el río de la Plata. Américo *dice* que las anduvo el año de 1501, yendo a buscar estrecho para las Malucas y Especieria por mandado del rey don Manuel de Portugal. Juan Dias de Solís, natural de Librija, las costeó legua por legua el año de 12, a su propia costa. Era piloto mayor del rey; fué con licencia, siguió la derrota de Pinzón, llegó al cabo de Sant Augustín, y de allí tomó la vía de medio día; y costeando la tierra, anduvo hasta ponerse casi en cuarenta grados. Puso cruces en árboles, que los hay por allí muy grandes; topó con un grandísimo río que los naturales llaman Paranaguazu, que quiere decir río como mar o agua grande. Vido en él muestra de plata, y nombrólo della. Parecióle bien la tierra y gente, cargó de brasil y volvióse a España. Dió cuenta de su descubrimiento al rey, pidió la conquista y gobernación de aquel río; y como le fué otorgada, armó tres navíos en Lepe, metió en ellos mucho bastimento, armas, hombres para pelear y poblar. Tornó allá por capitán general en Septiembre del año de 15, por el camino que primero. Salió a tierra en un batel con cincuenta españoles (29), pensando que los indios lo rescibirían de paz como la otra vez, y según entonces mostraban; pero en saliendo de la barca, dieron sobre él muchos indios que estaban de celada, y lo mataron y comieron todos los españoles que sacó, y aun quebraron el batel” (30).

Como se vê, não é preciso ler muito de Gómara para se formar uma idéia exata do que êle vale como historiador. Não daremos no-

(29). — Segundo Navarrete, os homens mortos pelos “índios” foram, além de Solís, o feitor Marquina, o contador Alarcon e “otras seis personas”. Se neste número não está incluído o grumete Francisco del Puerto, que foi poupado ao massacre e que posteriormente serviu de intérprete a outros visitantes do Rio da Prata, o total embarcado no batel não teria ido além de uma dezena de homens, e nem mais comportaria o pequeno batel de uma caravela.

(30). — *Ibidem*, cap. LXXXIX, pág. 208.

vidade a ninguém dizendo que João Dias de Solis permaneceu em Espanha desde outubro de 1509 — data em que regressou da viagem que fêz com Vicente Yañez Pinzon ao Gôlfo de Honduras, “para descobrir aquel canal o mar abierto” por onde pudessem chegar às ilhas das especiarias —, até 8 de outubro de 1515, em que iniciou a viagem destinada a contornar o continente sul-americano pela margem norte do Rio da Prata, então tida por êle e por Fernando “o Católico” como limite austral do mesmo continente. Foi incumbido, é certo, pelo dito rei e por “assiento” de 27 de março de 1512, de preparar uma viagem.

“para efectuar “la demarcacion é limites de la parte de navegacion que pertenesce a la Corona Real destes Reinos de Castilla é a la de Portugal” nos termos do Tratado de Tordesilhas de 1494. Devia partir de Cadiz por março de 1513, dobrar o Cabo da Boa Esperança e ir à ilha de Ceilão, a Malaca, ao extremo Oriente, marcar o que pertencia a Castela” (31).

mas essa viagem não chegou a efetuar-se por ter sido anulada pelo próprio Fernando “o Católico”, que assim correspondiam ao que, sobre ela, lhe requerera o rei português D. Manuel, seu genro.

Mal anda, pois, quem invoca o historiador López de Gómara como abonador do florentino Vespúcio. Gómara é um historiador fantasioso, invencioneiro ou mal informado. O confrônto da sua *Historia de la Conquista de la Nueva España* com a que, sobre a mesma conquista, escreveu Bernal Diaz del Castillo (32) deu motivo a que o íntegro historiador mexicano Carlos Pereyra emitisse contra êle e contra outros como êle, a seguinte diatribe:

“Con téstigos como Bernal Díaz no habría leyendas. Desgraciadamente, por un Bernal Díaz, hay millares de alucinados o sugestionados, y centenares de Gómaras, pulidos retóricos, crédulos o interesados, que prostituyen la verdad” (33).

Aos que, não obstante numerosas e irrefragáveis provas em contrário, teimam em apresentar o florentino Américo Vespúcio como pessoa a quem se deve o primeiro descobrimento da metade sul do Brasil, do Rio da Prata e da Patagônia, será útil lembrar que o cartógrafo genovês Vesconde di Maiollo chamou *Terra de Gonçalo Coe-*

(31). — Luciano Pereira da Silva, *Obras completas de*, Lisboa, 1946, vol. III, pág. 284.

(32). — Autor da *Historia Verdadera de la Conquista de la Nueva España*, publicada pela primeira vez no século XVII.

(33). — Carlos Pereyra, *Hernan Cortés*, 4a. edição de Espasa-Calpe, Buenos Aires, 1947, pág. 82.

lho a tudo o que, em 1504, se representava cartograficamente como constituindo a parte conhecida do nôvo Continente ao sul da equinocial. Teria êsse cartógrafo genovês honrado de tal modo o nome do português Gonçalo Coelho se ao florentino Américo Vespúcio coubesse realmente o mérito de ter descoberto os litorais das mesmas regiões? O capitão *das caravelas mandadas*, em 1501, “*a scoprire la terra di Papagà o ver de Santa Croce*” e que, segundo o cremonense Giovanni Francesco Affaitato, “*referiva aver scoperto più di 2500 mia de costa nova*”, era português. E como a *terra de Santa Croce* é a mesma a que Vesconte di Maiollo chamou *de Gonçalo Coelho*, há que concluir que êste era o nome daquele capitão. Aqui não há outra alternativa . . . nem outra verdade.